Ano 2026, Número 161; Publicação Semestral, Primeira edição de 2026

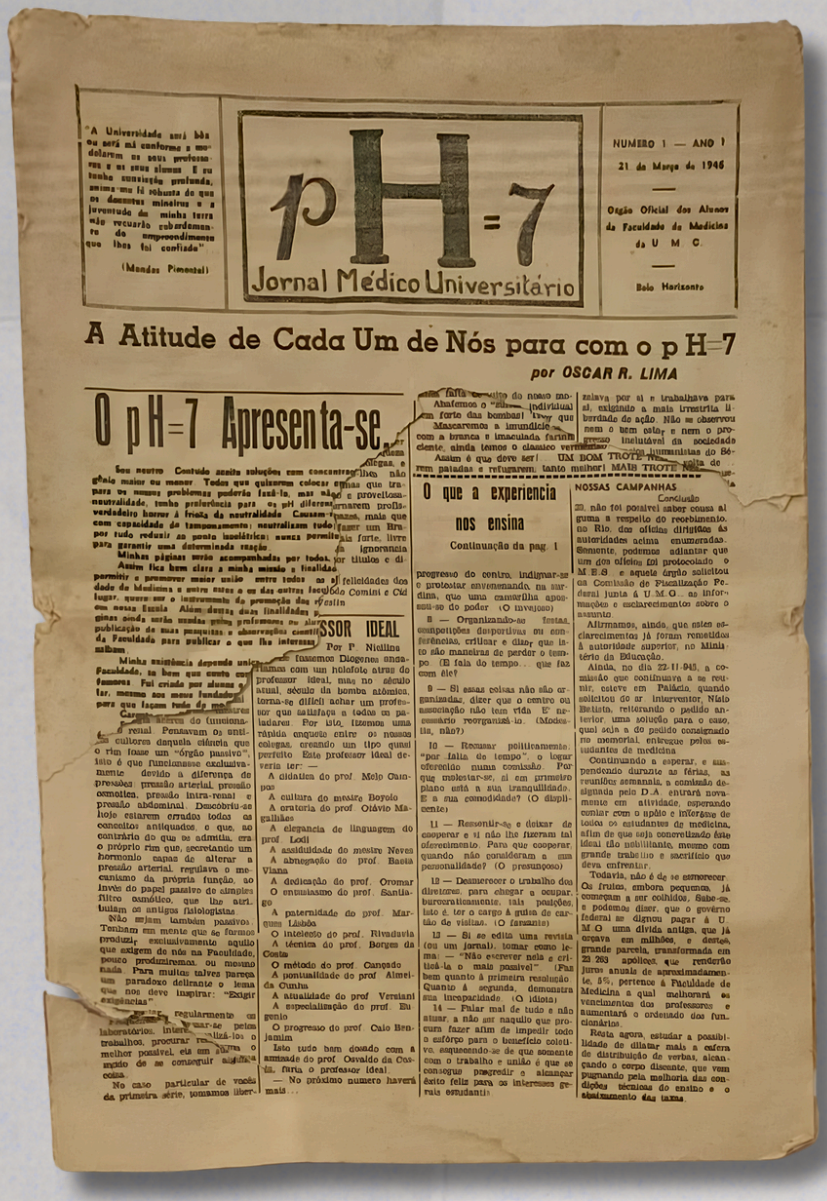
UFMG | Órgão Oficial do Diretório Acadêmico Alfredo Balena | @daab.ufmg

pH = 7

“Pela educação como prática de liberdade”

Edição especial de 80 anos

NEUTRO É A MÃE!



"A Universidade será bôa ou será má conforme a modelarem os seus professores e os seus alumnos. E eu tenho convicção profunda, animo uma fé robusta de que os docentes mineiros e a juventude de minha terra não recusarão cabedamente do empreendimento que lhes foi confiado"

(Mendes Pimentel)

pH=7

Jornal Médico Universitário

NUMERO 1 — ANO I

21 de Março de 1946

Orgão Oficial dos Alunos da Faculdade de Medicina da U. M. G.

Belo Horizonte

A Atitude de Cada Um de Nós para com o pH—7

por OSCAR R. LIMA

O pH=7 Apresenta-se

Seu neutro Conhecida a nossa solução com concentração [illegible] não génio maior ou menor. Todos que quisermos colocar [illegible] que tra- para os nossos problemas poderão fazê-lo, mas [illegible] e proveitosa- neutralidade, tenho preferência para os pH diferen[illegible]rnarem profis- verdadeiro horror à frieza da neutralidade. Causam-[illegible]nças, mais que com capacidade de tamponamento; neutralizam tudo [illegible] fazer um Bra- por tudo reduzir ao ponto inoxístico; nunca permite [illegible]is forte, livre para garantir uma determinada reação [illegible] ignorancia [illegible]or títulos e di-

Assim fica bem clara a minha missão e finalidade.

permitir e promover maior união entre todos os [illegible] felicidades dos dade de Medicina e outros meios e os das outras faculdades Camini e Cid lugar, quero ser o instrumento da promoção dos ideais em nossa Escola. Além destas finalidades [illegible]

ginas onde serão tratados pontos [illegible] publicação de suas pesquisas e observações [illegible] da Faculdade para publicar o que lhe interessa [illegible]

SSOR IDEAL

Por P. Nicilino

[illegible] fazemos Diogenes enca- [illegible]ramos com um holofote atraz do professor ideal, mas no século atual, século da bomba atômica, torna-se difícil achar um profes- nor que satisfaça a todos os pa- ladares. Por isto, fizemos uma rápida enquete entre os nossos colegas, areando um tipo quasi perfeito. Este professor ideal deveria ter: —

A didatica do prof. Melo Campos

A cultura do mestre Boyolo

A oratoria do prof. Olávio Magalhães

A elegancia de linguagem do prof. Lodi

A assiduidade do mestre Neves

A abnegação do prof. Basta Viana

A dedicação do prof. Oromar

O entusiasmo do prof. Santiago

A paternidade do prof. Marques Lisbôa

O intelecto do prof. Rivadavia

A técnica do prof. Borges da Costa

O método do prof. Cangado

A pontualidade do prof. Almeida Cunha

A atualidade do prof. Versiani

A especialização do prof. Eu genio

O progresso do prof. Caio Benjamim

Isto tudo bem dozado com a amisade do prof. Osvaldo da Costa. Eis, o professor ideal.

— No próximo numero haverá mais...

O que a experiencia nos ensina

Continuação da pag. 1

progresso do centro, indigmar-se e protestar envergonhado na sar- dinha, que uma camarilha apos- sou-se do poder. (O invejoso)

8 — Organizando-se festas competições desportivas ou con- ferencias, criticar e dizer que is- to são maneiras de perder o tem- po. (E fala do tempo... que faz com êle?

9 — Si essas coisas não são or- ganizadas, dizer que o centro ou associação não tem vida. E ne- nhuma reorganizá-lo. (Modesta, hã?)

10 — Renunciar politicamente "por falta de tempo", o logar ocupado numa comissão. Por que molestar-se, si em primeiro plano está a sua tranquilidade. E a sua comodidade? (O displi- cente)

11 — Renontir-se e deixar de cooperar e si não lhe fizeram tal oferecimento. Para que cooperar, quando não consideram a sua personalidade? (O presumçoso)

12 — Desmerecer o trabalho dos diretores, para chegar a ocupar, burocraticamente, tais posições, isto é, ter o cargo à guisa de car- tão de visitas. (O farsante)

13 — Si se edita uma revista (ou um jornal), tomar como le- ma: — "Não escrever nela e cri- tica-la o mais possivel" — (Fas bem quanto à primeira resolução. Quanto à segunda, demonstra sua incapacidade. (O idiota)

14 — Falar mal de tudo e não atuar, a não ser naquilo que pro- cura fazer afim de impedir todo o esforço para o beneficio coleti- vo, esquecendo-se de que somente com o trabalho e união é que se consegue progredir e alcançar êxito feliz para os interesses ge- rais estudantis.

zalava por si e trabalhava para si, exigindo a mais irrestrita li- berdade de ação. Não se observou nem o bem estar e nem o pro- gresso inalutável da sociedade [illegible] humanistas do Bé- [illegible] falta de [illegible]

Assim é que deve ser! UM BOM TROTE [illegible]

rem paladas e retiraram, tanto melhor! MAIS TROTE [illegible]

NOSSAS CAMPANHAS

Conclusão

Já não foi possivel saber couza al- guma a respeito do recebimento. no Rio, dos ofícios dirigidos às autoridades acima enumeradas. Entretanto, podemos adiantar que um dos ofícios foi protocolado o M.E.S e aquele órgão solicitou da Comissão de Fiscalização Fe- deral junto à U.M.G. as infor- mações e esclarecimentos sobre o assunto.

Afirmamos, ainda, que estes es- clarecimentos já foram remetidos à autoridade superior, no Minis- tério da Educação.

Ainda, no dia 22-11-945, a co- missão que continuava a se reu- nir, esteve em Palácio, quando solicitou do ar. interventor, Nísio Boiteux, reiterando o pedido an- terior, uma solução para o caso, qual seja a do pedido consignado no memorial, entregue pelos es- tudantes de medicina.

Continuando a esperar, e sus- pendendo durante as férias, as reuniões semanais, a comissão de- signada pelo D.A. entrará nova- mente em atividade, esperando contar com o apôio e interêsse de todos os estudantes de medicina, afim de que seja concretizado êste ideal tão nobilitante, mesmo com grande trabalho e sacrifício que deva enfrentar.

Todavia, não é de se esmorecer. Os frutos, embora pequenos, já começam a ser colhidos. Sabe-se, e podemos dizer, que o governo federal se dignou pagar à U. M. G. uma divida antiga, que já orçava em milhões, e destes, grande parcela, transformada em 23 263 apólices, que renderão juros anuais de sorredmadamen- te, 5%, pertence à Faculdade de Medicina a qual melhorará os vencimentos dos professores e aumentará o ordenado dos fun- cionários.

Resta agora, estudar a possibi- lidade de dilatar mais a esfera de distribuição de verbas, alcan- çando o corpo discente, que vem pugnando pela melhoria das con- dições técnicas do ensino e o [illegible] das [illegible]

Primeira edição do pH = 7, em 1946. Edição fornecida pelo CEMEMOR

EDITORIAL

Por que Paramos? O que Perdemos?

Paramos por falha nossa. Por 14 anos, a Faculdade de Medicina da UFMG funcionou sem seu principal catalisador de discussões. De 2012 a 2025, o pH=7 esteve inerte. A frieza da neutralidade tomou conta e o preço que pagamos foi a ausência de um espaço ácido o suficiente para corroer a complacência e básico o suficiente para precipitar as verdades inconvenientes.

Nesse período, o mundo não parou. Pelo contrário, esteve marcado por uma sucessão de eventos que demandavam – e ainda demandam – uma reação de nossa comunidade: as manifestações de 2015 e 2016, a Emenda do Teto de Gastos e seu legado destrutivo para as políticas públicas, uma pandemia que redefiniu a sociedade e evidenciou a negligência do então presidente em relação à saúde e educação públicas, a PEC da Bandidagem e, é claro, a ascensão da extrema-direita, a qual se manifestou com atentados constantes aos direitos humanos e ao regime democrático, especialmente na tentativa de golpe do 8 de janeiro de 2023.

Dentro do contexto da nossa faculdade, não discutimos nesse jornal: A consolidação do ENEM como principal porta de entrada da nossa faculdade, a implementação da reserva de vagas e as últimas reformas curriculares, mudanças estruturais que poderiam ter sido discutidas nesse jornal. A ausência do pH=7 significou a falta de um meio essencial para não apenas informar, mas para modificar a realidade da faculdade através da pressão social. Nos enoja a neutralidade e o desinteresse político e social que se apega a um passado de mudanças. O pH = 7 resistiu a um governo ditatorial, teve papel-chave nos principais congressos estudantis no último século, exigiu "Diretas Já" e foi deixado de lado na última década? (Autocrítica).

Mas, se falhamos ontem, não falharemos amanhã! Esta edição não é um renascimento casual. É uma retomada deliberada, impulsionada por figuras-chave, como o professor Enio Pietra, que entendeu a urgência de reacender esta chama. Agradecemos também ao apoio do Centro de Memória (Cememor) que foi responsável pela preservação e resgate histórico das cerca de 159 edições anteriores do jornal. Nossa existência, como definida em 1946, depende única e exclusivamente dos alunos. Aproveitamos para reiterar o apelo aos nossos veteranos, a todos os alunos, atuais e futuros, para garantirem a esse jornal uma longa existência.

O pH=7 voltou com o mesmo horror à frieza neutralizante, sendo um catalisador para a reação e o debate. O tom não é neutro, é intencional.

NOVA DIRETORIA NA FACULDADE DE MEDICINA

Cuidar de quem ensina, pesquisa, apoia e aprende. Para que todas as pessoas tenham seu lugar na Faculdade de Medicina.

É com felicidade que escrevemos este texto de retomada do Jornal PH7, a convite do DAAB, para apresentar os planos para os próximos anos da Faculdade. Nosso Programa de Gestão para a Faculdade de Medicina da UFMG, no período 2026-2030, tem como visão consolidar a instituição não apenas como a maior, mas como a mais inovadora, inclusiva e socialmente referenciada faculdade de medicina pública do país. Queremos promover um ambiente de excelência acadêmica, onde cada membro de sua comunidade se sinta acolhido, valorizado, motivado e pertencente.

Apresentamos um projeto para o quadriênio que equilibra a excelência acadêmica com a inovação e a responsabilidade social. Trabalharemos para construir, de forma colaborativa e acelerada, as bases para um futuro inovador e responsável para Faculdade de Medicina da UFMG, atuando em três eixos principais:

Excelência acadêmica e inovação: o pilar foca no ensino cada vez mais integrado e interdisciplinar para os cursos de Medicina, Radiologia e Fonoaudiologia e para os programas de pós-graduação. Uma das frentes envolve a inserção de temas prioritários para o Sistema Único de Saúde (SUS) e estruturantes como a Saúde Digital, a Telessaúde e a Inteligência Artificial. Defendemos que o letramento digital é essencial para a formação ética e cidadã dos futuros profissionais e líderes que aqui se formam e também para toda a comunidade acadêmica, fazendo frente às profundas transformações acarretadas pelas tecnologias digitais. Na pesquisa, apoiaremos a criação de redes colaborativas interdepartamentais, interunidades, fomentando também a internacionalização. Já na área de extensão, propomos a criação da "Vitrine de Extensão", em formato digital para conferir maior visibilidade ao impacto social das ações junto às comunidades e ao SUS.

Pessoas em primeiro lugar: valorização, inclusão e bem-estar são valores inquestionáveis e estarão ativos em todos os projetos que pretendemos executar. Reconhecemos que o ambiente acadêmico acolhedor e produtivo depende diretamente do bem-estar da sua comunidade, o segundo eixo prioriza as pessoas. Estabelecemos como destaque dar voz ativa aos estudantes, garantindo a participação em instâncias deliberativas, promovendo ações de acolhimento, de escuta e de vigilância à permanência. A reativação do Jornal PH7 é um feito a se comemorar, neste sentido, e terá todo o apoio da atual gestão. Para os servidores (docentes e técnicos), a nossa gestão propõe programas de educação permanente de promoção da qualidade de vida no trabalho, além de manter um canal permanente de escuta e colaboração.

Gestão transparente e infraestrutura inovadora: é um eixo que se volta à sustentabilidade e à modernização da infraestrutura que receberá um plano diretor específico. Defendemos a adequação dos espaços didáticos para que os cenários reais de prática sejam transmitidos para dentro da faculdade, o que chamamos de smart-labs. Com recursos tecnológicos de telepresença, cenários do mundo real poderão ser incorporados como metodologias ativas,

NOVA DIRETORIA NA FACULDADE DE MEDICINA

remodelando as aulas teóricas tradicionais, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e estimulante. Neste eixo, visando a uma maior interação entre os membros da comunidade da Faculdade de Medicina, buscaremos a criação de espaços de co-working para estimular projetos interdisciplinares e interdepartamentais.

Por fim, trabalharemos para criar um espaço aberto para a interação entre a Faculdade de Medicina e a sociedade, através da criação de um selo editorial próprio, da ampliação de visitações e da preservação da memória institucional, viabilizando a digitalização de milhares de imagens do Centro de Memória da Medicina (Cememor).

A Faculdade de Medicina da UFMG possui todas as condições para continuar sendo referência nacional em ensino, pesquisa, extensão e inovação. Nosso compromisso é construir esse futuro de forma participativa, transparente e comprometida com as pessoas que fazem desta instituição um patrimônio da sociedade brasileira.

Diretoria da Faculdade de Medicina da UFMG
Andréa Silveira
Zilma Reis

"Sou neutro. Contudo, aceito soluções com concentração de hidrogênio maior ou menor. Todos os que quiserem colocar em mim soluções para os nossos problemas, poderão fazê-lo, mas, não obstante minha neutralidade, tenho preferência pelos pH diferentes de 7. Tenho verdadeiro horror à frieza da neutralidade. Causam-me repulsa artigos com capacidade de tamponamento: neutralizam tudo; precipitam tudo, por tudo reduzir ao ponto isoelétrico; nunca permitem um pH ideal para garantir uma determinada reação...
Minha existência depende única e exclusivamente dos alunos desta faculdade, se bem que conte com a colaboração de ex-alunos e professores. Fui criado por alunos e aproveito a oportunidade para apelar, mesmo aos meus fundadores, a todos os alunos, atuais e futuros, para que façam tudo de modo a garantir-me urna longa existência. Garanto que lhes serei muito útil."

Primeira edição do pH =7, em 1946

Um Pouco de História... com nosso querido Rubió!

Ao PH-7, jornal da juventude rebelde da medicina da UFMG, por longos anos

Meu nome é Francisco Panadés Rubió, nome este adquirido na Catalunha/Espanha, onde nasci, em 1949. Migrado, juntamente com meus pais e mais 6 irmãos, para o Brasil, em barco do programa de emigração espanhol, chamado de Instituto Espanhol de Emigração -IEE, em fevereiro de 1957.

No Brasil, por uma série de razões, decidi fazer o curso de medicina na UFMG, depois de fazer o, então, ginásio, com um ano de admissão. Depois do ginásio, curso científico (segundo grau da época). Foram 7 anos num colégio interno, organizado por padres carmelitas, onde os estudos eram bem apertados, mas havia uma amenização pela prática do esporte (natação, vôlei, futebol, ping-pong, gincanas, teatro, música, concursos de contos, crônicas, poesias. Uma vida cultural intensa.

Participei das passeatas contra a ditadura, entre 1968 e 1970. Em 1968 – ainda no Colégio Estadual Central, onde fiz o último ano do nível médio, estudando à noite, trabalhando de dia. Continuei a trabalhar, entre 1969 e 1970, mas fazendo cursinho, à noite, no melhor cursinho para a área de biológicas – o Curso Básico de Ciências Biológicas (CB2).

Passei no 3º vestibular, no final de 1970.

Os primeiros dois anos da medicina, fui procurado por várias organizações, que atuavam clandestinamente devido à truculenta repressão, com torturas, assassinatos, desaparecimentos. Mas eu estava determinado a fazer um curso bem feito e só fui entrar para uma das organizações, ainda na clandestinidade – o MR8, em 1976, no ano da minha formatura.

Mas, durante o curso de medicina, principalmente nos anos de 1973 a 1976, fui vice-presidente na gestão de Itamar Tatuhy Sardinha Pinto, um combativo e muito consciente presidente do DAAB – 1973-1974. Assumi a presidência do DAAB com a formatura do Itamar, no final de 1973.

Devido às nossas constantes lutas na própria escola, pela melhoria da qualidade do ensino, qualidade do bandejão e contra os reajustes nos preços da comida servida, recebíamos, com frequência, a presença de olheiros, com gravadores, máquinas fotográficas camufladas, agentes da repressão ligados ao DOPS, SNI, SIEx (Serviço de Inteligência do Exército), PF.

Episódio mais marcante: Um grupo vinculado ao DAAB, coordenado pelo colega da medicina, Luiz Tomaz Fazito Rezende, resolveu fazer teatro, com base na modalidade desenvolvida pelo teatrólogo Augusto Boal, em cima dos temas mais candentes do momento, principalmente como forma de denúncia contra a ditadura brasileira, mas também contra as demais ditaduras da América Latina. Uma delas, foi uma cena sobre o assassinato do Presidente do Chile, Salvador Allende. O Jornal do Brasil, logo após o Golpe Militar pró-imperialista do Chile, estampou a seguinte manchete sobre a trágica ação dos militares de extrema direita dno Chile: Salvador Allende se suicida no Palácio de La Moneda.

Encenamos a manchete da seguinte maneira:

No DAAB, naquele salão, lotado de estudantes por dentro e por fora, com a presença de dedos-duros da repressão, instalamos o serviço de som e iluminação, em frente ao paredão do DA. Á frente do dispositivo, uma roda feita com fita crepe, continha os atores. O Luiz Fazito representou o Allende. Salão todo escuro, apenas uma luz vermelha de um foco colocado logo acima do ator, começou a se intensificar aos poucos, enquanto uma voz, em off, repetia a manchete do JB: Salvador Allende se suicida no Palácio de La Moneda, seguida de uma música do compositor Sérgio Ricardo: Se entrega Curisco!

Eu não me entrego não! Não me entrego ao tenente, não me entrego ao capitão! Me entrego só na morte, de parabelo na mão! seguida de uma rajada de metralhadora, enquanto o ator vai desabando, desabando, até cair no chão. A cena se encerra aí!

Esta e outras cenas, como a do Severino da Maria – Campeão Mundial da Resistência Física, simulando o programa do Amaral Neto Repórter (Rede Tupi, depois Rede Globo), o ator o representava com o nome de Amoral Nato Repórtor, e eu representei o Severino da Maria – pois eu era, na ocasião, pele e osso, quase sem recheio, e, na entrevista que o Amoral Nato fez comigo, eu declarava que havia enfrentado, amarelão, barriga d'água, maleita, disintiria, tifo (ao falar tifo, já quase sem fôlego, o tifo saiu quase que como um último suspiro, e começo a desabar, quando o Amoral Nato me segura para eu não cair).

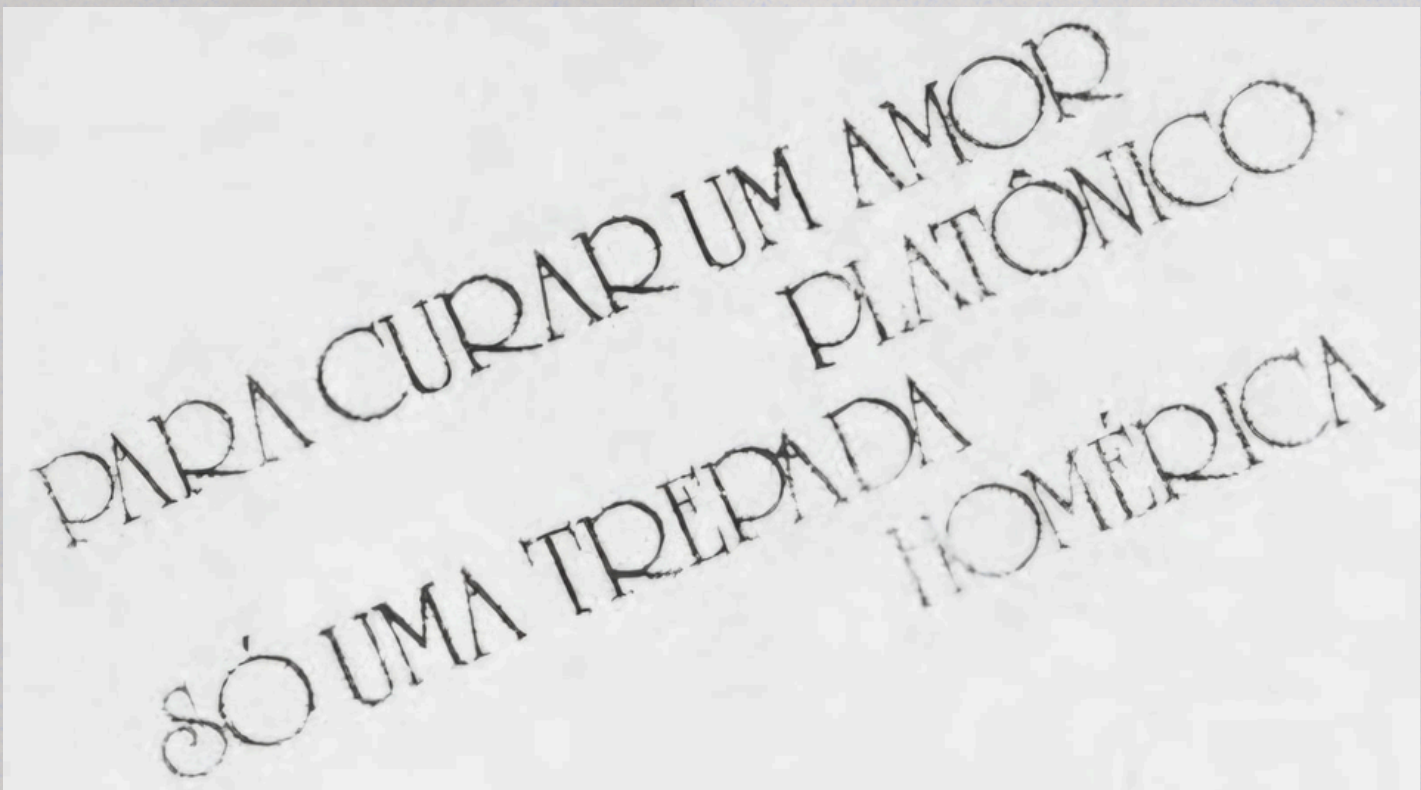
Consequência de todo este tipo de denúncia, o Diretor da Faculdade, na época, o Prof. Clovis Salgado, recebeu um contato por telefone do Chefe do SNI de MG, reclamando que os alunos da Faculdade estavam fazendo subversão lá no DAAB, e que ele coibisse com urgência, ou teriam que nos prender.

O professor Clovis Salgado foi ao DAAB, acompanhado pela diretoria e por alguns atores, inclusive eu, e viu apenas manchetes de jornais afixadas no mural do teatro jornal. Ele falou, olhando prá nós, com aquele olhar de perplexidade e, ao mesmo tempo, de admiração: É! Vocês são muito inteligentes!

Mas continuamos a apresentar o teatro nos outros dias, e sempre lotados de estudantes e, também, de dedos-duros!

Francisco Panadés Rubió
Ex-aluno e atual professor da FM-UFMG

RELEMBRAR É VIVER...



Em homenagem aos nossos queridos veteranos da Faculdade de Medicina, edição 1987.
Para você que está sofrendo de um amor não correspondido, escute seus antepassados.

MEDICINA E LITERATURA

A necessidade da literatura na formação médica

Há um ditado antigo que diz: se você não sabe bem medicina, nem médico você é; mas se você só sabe medicina, nunca será um bom médico. O médico que só sabe medicina vai ter competência (às vezes, muita competência) para cuidar de órgãos e corpos. Saberá abordar, bem, uma febre, uma disenteria, um enfarto, uma dor crônica, mas falta a ele saber cuidar de pessoas. Estas vão muito além do corpo. Lembrando Ortega y Gasset (eu sou eu e a minha circunstância), nós transcendemos o nosso corpo, somos feixes de relações sociais, culturais e ambientais. Tudo que me circunda, incluindo pessoas, me afeta e eu afeto a eles. E para reconhecer o outro na sua complexidade, a biologia só não basta. Para ir além da febre e chegar à pessoa febril, apenas o conhecimento do corpo não é suficiente. Portanto, as expressões artísticas facilitam entender aqueles que nos procuram em busca de cuidado. Despertam e estimulam nossa sensibilidade. A medicina e as artes, portanto, partilham um espaço comum, coabitam o mesmo âmbito. Ambas dizem respeito a esse ser singular, a pessoa humana. Ambas lidam com a condição humana, a dor, o medo, a doença, e a finitude. Ambas compartilham o estudo da condição humana. A literatura, por exemplo, amplia a sensibilidade, aprimora o olhar clínico e facilita desenvolver a empatia na relação médico-paciente.

A relação médico-paciente começa com a anamnese, a reminiscência da doença pela pessoa que nos procura. A primeira ação do médico deve ser pedir ao paciente que ele conte a sua doença, inserida no seu corpo, no seu meio ambiente, no seu espaço socioeconômico e cultural, com suas crenças e seus valores. A vida é feita de histórias, de narrativas. A pessoa doente traz ao médico, se este souber escutar, a história de sua doença. E onde melhor se aprende sobre narrativa? Na literatura. Alguns exemplos: A Morte de Ivan Illich, de Leon Tolstoi, fala do confronto com finitude da vida e a problemática relação médico-paciente nesta situação; a Montanha Mágica, de Thomas Mann, desenvolve-se em um sanatório de tuberculosos; o Alienista, com sua casa verde, de Machado de Assis, é uma sátira à psiquiatria do século dezenove, com o personagem, o médico Simão Bacamarte, fazendo diagnósticos de loucura a torto e a direito. Esses, como inúmeros outros, retratam de maneira impar como a literatura é um instrumento fundamental para o médico. Entre um chiste e um falar sério, um célebre e conceituado médico do século XIX dizia que o melhor livro de ensino médico era o Dom Quixote de Cervantes, um excelente tratado sobre a psique humana. Continuando na literatura, temas como aborto, papel da mulher, eutanásia, entre outros, são mais bem abordados para além da medicina. Um exemplo recente é o livro Amsterdam, escrito pelo inglês Ian McEwan. É uma fábula moral sobre dois amigos, que após vivenciarem um drama familiar, fazem um pacto: caso um deles venha a padecer da mesma agonia, o outro deve libertá-lo, facilitando a eutanásia. Escrito em 1999, muito antes da medicina colocar em cena

MEDICINA E LITERATURA

A necessidade da literatura na formação médica

a discussão a respeito, assim como os livros de Toni Morrison, que têm uma temática voltada para o racismo. Entre eles, destaca-se o romance Deus ajude essa criança, que aborda a temática do racismo na infância, condição que marginaliza e afeta as pessoas discriminadas pela cor de sua pele. Annie Ernaux no livro Acontecimento reconstrói sua busca solitária para realizar um aborto clandestino. O livro denuncia a onipresença da lei e seu imperativo sobre o corpo feminino. Já o livro de contos Morangos mofados, de Caio Fernando Abreu (1982) explora o tema da homo afetividade. E o livro De profundis de Oscar Wilde é um libero contra a hipocrisia da sociedade vitoriana inglesa contra o "O amor que não ousa dizer seu nome". O livro Paula, de Isabel Allende, relata o drama familiar da doença e morte de sua filha Paula. A escritora acompanhou o sofrimento de Paula durante meses, em coma. Após um ano de agonia, Paula morreu. A leitura do sofrimento, da agonia, da morte de Paula e do luto de sua família, certamente ajudará o aluno e a aluna de medicina a entender esse processo que é universal, mas com singularidades para cada pessoa e família. E não se encontra em algum livro de semiologia uma descrição tão detalhada e rica da hipovitaminose A que no livro de Euclides da Cunha, Os Sertões.

Esses livros, e muitos outros, contribuem para sensibilizar os futuros médicos para questões que são deixadas em segundo plano no dia a dia da prática clínica. O desafio é duplo: de um lado como motivar as alunas e alunos a se interessarem pelas artes, ouvir música, dançar, ler, participar de clubes de livros e de filmes, criar vínculos afetivos etc? De outro, como inserir tais atividades em um currículo tão saturado como o da medicina. Pois viver significa tomar uma posição em cada momento, posicionar-se em relação a valores. Vivemos e agimos, portanto, num mundo saturado de valores. Como compartilhar o mundo das ciências da natureza, que busca explicar, com o mundo das ditas ciências do espírito que busca compreender; a compreensão é uma atividade dialógica. E como iniciar um diálogo, que não é um ato passivo, mas uma réplica ativa, uma resposta, uma tomada de posição com uma pessoa vulnerável que nos procura? Por isso, as ciências humanas se debruçam sobre a significação, trabalham com a compreensão e não com a explicação. Enquanto a explicação aponta para o necessário, a compreensão aponta para o possível, porque é uma operação sobre o significado que, sendo em grande parte efeito da interação, do encontro de cosmovisões e orientações axiológicas, envolve sempre uma dimensão de pluralidade. E aí, a medicina biológica, sozinha, não é capaz de nos indicar um caminho.

Joaquim Antônio César (Toninho) - Ex-aluno da FM-UFMG, formado em 1972.

Sobre o interior de Minas...

Ainda não assimilei por completo o que foram os últimos três meses em Buenópolis, e não sei se algum dia conseguirei traduzir essa experiência em uma legenda.

O "rural" foi a experiência mais intensa e transformadora que já vivi. Cada paciente que atendi e que me tocou de alguma forma, cada história que conheci, afetos que o tempo e a distância não apagam, e cada amigo que agora levo para a vida me tornaram um ser humano melhor.

Aos colegas de trabalho — da assistência, da gestão e ACS —, obrigado pela oportunidade de conhecer a fundo a saúde pública do interior mineiro. Uma saúde que, mesmo diante de todas as dificuldades, oferece cuidado, respeito e dignidade a cada uma das 10 mil vidas espalhadas por aí.

Roda de conversa sobre hipertensão arterial em trecho de obras

Não sei quando volto, mas saibam que o meu coração carregará para sempre o amor do sertão de Minas!

Mateus Carvalhais - turma 161

Consultório à sombra da igreja na comunidade de Santa Rita

Céu de Buenópolis e a Serra do Cabral, vistos enquanto deitado na rede

ERA UMA CASA MUITO ENGRAÇADA...

Ao final do semestre 2025/2, depois de anos de espera, recebemos a notícia de que a obra do nosso DAAB iria chegar. Depois de infinitas reuniões, prazos, projeções, novos prazos que sobrepunham a novos prazos, encerramos o semestre de 2026/1 com a esperança de voltar à nossa casinha. A reforma chegou; a finalização, não. Mas estamos mais perto do final, pelo menos, é isso que esperamos.

Porém, vão surgir novas questões. A salinha? Temos apenas um espaço sem móveis. E o sofá? A mesa? O armário? A televisão? A obra demorou tanto tempo que tivemos mofo, cupim e goteiras infinitas. Perdemos muito tempo. Tenho medo de termos nos perdido ou da obra ter demorado o suficiente para que a gente esquecesse do nosso lar, do nosso DAAB.
E o pole dance? Pergunte ao Matheus Tibúrcio.

Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada
Ninguém podia entrar nela não.
Porque a reforma não tinha finalização
Mas era feita com muito esmero
Na avenida Alfredo Balena, número um nove zero.

Carlos Lorran - turma 163

Por que Dora Barcellos?

Todo ano, o DAAB elege uma chapa com um determinado nome, e este ano escolheram o emblemático "Dora Barcellos".

Eu fui uma das pessoas que votaram no nome e ainda sabia muito pouco sobre essa estudante de medicina da década de 60. Quem foi Dora?

Maria Auxiliadora Lara Barcellos nasceu em 1945, em Antônio Dias (MG). Filha do agrimensor Waldemar e da professora Clélia, a pequena Dora já se mostrava não só inteligente, mas sempre preocupada com o próximo. Aos 14 anos, já dava aulas para crianças em locais mais pobres da cidade e, aos 21 anos, passou em 3º lugar na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Ela era uma das pouquíssimas mulheres no curso de medicina. Além de ter vencido todos os preconceitos que diziam que aquela profissão não era lugar de mulher, ela ainda tinha uma sensibilidade e uma consciência social invejáveis.

Dora iniciou sua militância no nosso querido DAAB e no Show Medicina. Com o acirramento da repressão em 1968, Dora migrou do movimento estudantil aberto para a militância política clandestina e a luta armada.

Em seu 5º ano de faculdade, nossa Dora foi presa no Rio de Janeiro e permaneceu presa e torturada por 1 ano e 2 meses.

A violência e as sessões de tortura começaram imediatamente após sua captura e se intensificaram nos primeiros dias e semanas de detenção, quando foi mantida incomunicável e submetida a espancamentos, choques elétricos e abusos em instalações da Polícia do Exército e de outros órgãos de repressão do regime.

Em 1971, ela foi incluída na lista dos 70 presos políticos libertados e banidos do país em troca da soltura do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher. Durante o exílio, Dora trocou cartas com sua mãe, Clélia, nas quais se podia notar a dor da separação familiar, a solidão do exílio e a resistência diante do impacto da ditadura militar.

Conforme os anos no exílio passavam (especialmente após sua chegada à Europa), as correspondências começaram a refletir a carga psicológica devastadora da tortura sofrida no Brasil, a dor da distância da terra natal e o sentimento de desenraizamento. Então, no dia 1º de junho de 1976, Maria Auxiliadora Lara Barcellos tirou a própria vida na Alemanha Ocidental.

O que me fascina sobre a Dora é que ela veio a um mundo que sempre disse "não" de forma categórica a pessoas como ela. Mesmo sendo mulher em uma época na qual mulheres quase nunca entravam em cursos universitários — que dirá medicina —, Dora entrou, e entrou em 3º lugar.

Mesmo sob a ameaça e a repressão da ditadura, ela não deixou de defender o que acreditava ser certo.

Dora tinha sonhos... ela queria ser psiquiatra em um mundo que insistia em olhar para pessoas com transtornos mentais como aberrações.

Infelizmente, pouco a pouco, foram tirando partes dela. Imaginem passar 1 ano e 2 meses sendo torturada, violentada de todas as formas.

Quando falamos de Ditadura, pensamos em homens gritando, defendendo e exigindo a liberdade que desfrutamos hoje. Mas as Doras existiram, e é importante lembrarmos delas — principalmente em um contexto em que se tornou plausível discutir se mulheres devem votar em pleno século XXI.
Não queremos que arranquem tudo de nós como fizeram com Dora. E não permitiremos que isso aconteça.

Julia Tolentino Costa - turma 167

Mugshot de Dora ao entrar no DOPS

Entropia

Às vezes caminho sem saber onde ir
E nunca paro mesmo que eu queira
E saiba que cada pedra e folha que piso
Eternamente estarão marcadas por mim.

Por mais que meu pé não seja
O mais importante pé que por lá pisou,
Ainda assim, passei por lá
E de alguma forma mudei o que esteve.

Mas finda esse caminho que caminho
E eu me pergunto sinceramente...
Será que alguém ou algo lembrará
Que por aqui estive?

Bem, alguém terá memória
E talvez alguém me lembre para sempre,
Assim como lembrarei vagamente
Esses lugares pelos quais passei.

Leonardo Kimoto - Turma 161

VOCÊ SABIA?

Em 2023, nosso querido ex-governador Romeu Zema e candidato a presidente da República em 2026 enviou e sancionou um projeto de lei que reajustou o seu próprio salário em 298% (passando de R$ 10,5 mil para R$ 41,8 mil), além do vice-governador e dos secretários de Estado.
O reajuste ocorreu em um momento em que os servidores públicos de Minas Gerais (como professores e policiais) cobravam reajustes salariais e o estado enfrentava grave crise financeira. Zema argumentou que a medida era necessária para atração e retenção de quadros técnicos na alta gestão do governo.

Fontes: Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) — Projeto de Lei 415/2023; Reportagens: G1 Minas, Estado de Minas, Valor Econômico

+ O CONTO BRASILEIRO DE ROMEU E JULIETA

Shakespeare tem como legado uma das histórias de amor mais famosas do mundo: dois jovens apaixonados imersos em uma disputa de ódio na Itália. Já esse conto... ele é diferente, é ódio e ganância, ataque e desmonte... é o sangue verde e amarelo do povo mineiro derramado nessa sociedade desigual

Julieta era uma moça amorosa, curandeira dos povos mais distantes da terra mineira. Curava e cuidava porque precisavam dela, sem cobrar, sem reclamar. Gente doente e gente saudável, grávidas e até aquelas que não conseguiam ter filhos... todo mundo batia na porta de Julieta, que oferecia cuidado sem distinção.

Mas Julieta não agradava a todo mundo, não; muitos discordavam do seu jeito de agir. Romeu era o chefe do povo, fechado e ganancioso. Todo mundo ouviu que ele vendia as coisas boas do seu povo para os mais ricos. Julieta curava sem ver a quem; Romeu vendia sem ligar para quem. Enquanto ela tratava, ele queria vender seus remédios e máquinas.

Insatisfeita com Romeu, Julieta criou o SUS. Era um trem tão grande que a maioria não conseguia entender, mas todo mundo sabia que era um trem que funcionava. Hospitais de graça, vacina no braço, remédios para quem precisava e exames que podiam até demorar, mas todo mundo fazia. O povo estava feliz, o povo estava saudável... As fofoquinhas foram crescendo e, por onde Romeu andava, ele ouvia, "arrupiado" de raiva, que Julieta SUS era a mãe do povo.

Romeu tinha sido eleito pelo povo, prometia saúde para toda essa gente, mas queria mesmo era derrubar Julieta SUS. O povo se lembra de quando Romeu subiu no palco e prometeu mais hospitais — e não era pouca bosta que ele prometia: era hospital novinho, espalhado na terra mineira, cheio dessas tecnologias que o povo nem sabe dizer o nome. E cadê esses hospitais? Besteira. Prometeu 6 e deu só 2 nesses 8 anos. Enquanto isso, Julieta SUS tá lá, ó: penando pra atender essa gente toda que precisa na capital.

Mas esse homem era ordinário, viu? Toda hora ele queria atacar Julieta SUS de algum jeito. Um dia ele subiu naquele palco de novo, passou na rádio, na TV e até na internet saiu: o chefe ia fechar dois hospitais da capital. O povo ficou doido e Julieta SUS, mais ainda. Só que ele sabia que atacar Julieta SUS deixava o povo bravo. Ela não era perfeita, mas sem o SUS não tinha povo de sangue verde e amarelo nessa terra mineira. Então, ele falou que ia colocar um hospital novinho no lugar, de ponta, que ia conseguir atender o povo mineiro todo.

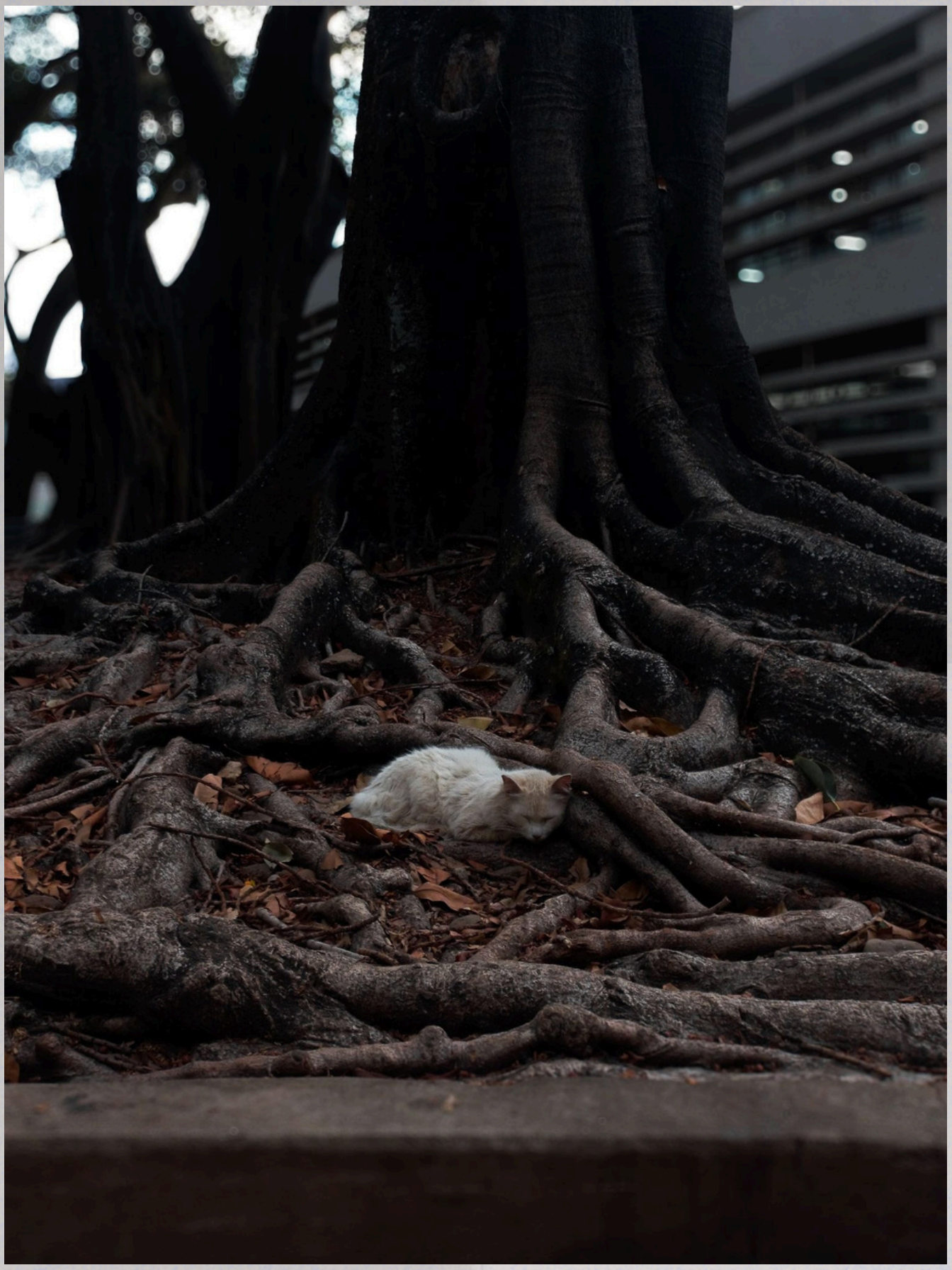
Furada! Mas tem gente que acredita, né? Ele caiu nas graças do povo. O chefe estava era vendendo mais coisas do povo para os ricos. Uns poucos falavam disso, chamavam até de "privatização", mas a maioria não enxergava. Julieta SUS falava coisas tipo: "Menos pessoas vão ser atendidas" e "vai atrapalhar os especialistas", só que o povo parecia ter esquecido quem essa grande mulher era.

Romeu crescia e enriquecia. Tinha rico gostando dele, mas agora pobre também. Todo mundo que Julieta contratava, Romeu demitia. O que sobrava para Julieta SUS eram cidades sem receber dinheiro, profissionais sem salário e um povo bravo, como se a culpa fosse toda dela.

O SUS quebrava um pouquinho a cada dia. O chefe guardava seu dinheiro no bolso, enquanto a saúde virava só uma história do passado.

Então, em um dia triste, Julieta SUS, moça cansada e sobrecarregada, chegou em casa e ligou a TV. Primeiro, viu que a Espanha era campeã da Copa do Mundo – coisa boa, a Argentina perdeu! Segundo, ela viu aquela notícia amarga, notícia que lhe apertava o coração: o chefe ia para Brasília anunciar uma notícia para a eleição.

Julieta SUS estava aflita, só pensava no que aconteceria com a saúde do Brasil: — Romeu Zema presidente, já pensô? Isso só pode ser filme de terror...



Os verdadeiros donos da Faculdade de Medicina, pelas lentes de Rodrigo Motta

+ NOTÍCIA

Ana Cristina Simões e Silva assume a Coordenação Adjunta dos PPGs

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) é o órgão federal, vinculado ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, responsável pelo credenciamento, avaliação e descredenciamento dos programas de pós-graduação (PPGs) senso estrito (mestrado e doutorado acadêmicos) e senso lato (mestrado e doutorado profissionalizantes) no Brasil.

Devido ao grande número de PPGs stricto sensu e lato sensu na área da Medicina, foi feita uma subdivisão em três subáreas: Medicina I, Medicina II e Medicina III. Dessa forma, a Medicina I avalia os PPGs em Clínica Médica e suas subespecialidades — incluindo Nefrologia, Cardiologia, Pneumologia, Gastroenterologia, Reumatologia, Imunologia, Genética, entre outras —, bem como os PPGs lato sensu da área. A Medicina II avalia os PPGs nas áreas de Pediatria, Infectologia, Radiologia, Anatomia Patológica, Psiquiatria, Neurologia, Patologia Clínica e Ciências da Saúde, assim como os PPGs lato sensu correspondentes. A Medicina III, por sua vez, avalia os PPGs nas áreas de Ginecologia e Obstetrícia, Cirurgia e suas subespecialidades, bem como os PPGs lato sensu da subárea.

A cada ciclo de quatro anos, todos os PPGs do Brasil são avaliados e recebem uma nota e um conceito. As notas variam de 3 (PPGs regulares, que não podem ofertar doutorado) a 7 (PPGs de excelência), e os conceitos são: Excelente (notas 6 e 7), Muito Bom (nota 5), Bom (nota 4) e Regular (nota 3). Para que um PPG possa oferecer Doutorado, é necessário que sua nota seja igual ou superior a 4.

Em 2012, fui indicada para compor a comissão de avaliação da CAPES na área de Medicina II. Desde então, avalio PPGs do Brasil na área de Pediatria, participo de encontros virtuais e presenciais para a realização das avaliações e atuo em outras demandas da Medicina II como, por exemplo, na análise de solicitações de auxílio à CAPES para a realização de eventos científicos. A última avaliação quadrienal da qual participei ocorreu em setembro de 2025, sob a presidência dos Professores Julio Croda (coordenador-geral), Gil Guerra Junior (coordenador adjunto dos PPGs stricto sensu ou acadêmicos) e Carlos Caramori (coordenador adjunto dos PPGs lato sensu ou profissionais).

No último dia dessa avaliação, o Professor Júlio informou que os membros da comissão deveriam manifestar interesse na composição da próxima coordenação, visto que ele e os Professores Gil e Carlos Caramori estavam encerrando seus mandatos. A Professora Simone Appenzeller já havia conversado comigo sobre a possibilidade de colocarmos nossos nomes à disposição para a nova gestão da Medicina II. Avaliei que seria uma experiência profissional relevante, além de representar um papel institucional importante para a Faculdade de Medicina da UFMG.

Assim, após o convite do Professor Júlio, a Professora Simone, eu e o Professor Socrates Egito manifestamos interesse. Diversos membros da comissão pediram a palavra e apoiaram a minha indicação e a da Professora Simone para a coordenação da Medicina II no âmbito da avaliação dos PPGs stricto sensu.

Os membros da comissão dos PPGs profissionais também fizeram suas indicações. Após essa etapa interna, o processo seguiu os trâmites regulamentares:

1. Os coordenadores vigentes da Medicina II elaboram uma lista de indicados à coordenação (geralmente de 6 a 9 nomes, sendo de 4 a 6 indicados para a avaliação dos PPGs stricto sensu e de 2 a 3 para a avaliação dos PPGs lato sensu ou profissionais);
2. Os coordenadores dos PPGs brasileiros vinculados à Medicina II votam nos nomes indicados;
3. Encerrada a votação, os candidatos mais votados são notificados e solicitados a enviar um plano de trabalho para a coordenação da área;
4. Os planos de trabalho e os currículos dos mais votados são encaminhados à CAPES;
5. Após a avaliação do material, a presidência da CAPES designa os coordenadores-gerais e adjuntos das diferentes áreas de avaliação.

Como resultado desse processo, a Professora Simone Appenzeller foi nomeada para a Coordenação-Geral da Medicina II; eu, Professora Ana Cristina Simões e Silva, fui nomeada para a Coordenação Adjunta dos PPGs stricto sensu (acadêmicos); e a Professora Daiane Cristini Barbosa de Souza foi nomeada para a Coordenação Adjunta dos PPGs lato sensu (profissionais).

As portarias do Diário Oficial da União já foram publicadas com nossas nomeações, e fomos oficialmente convocadas para o Fórum de transição de mandatos na sede da CAPES, em Brasília, nos dias 10 e 11 de junho.

Por fim, gostaria de destacar um marco histórico: pela primeira vez, a área de Medicina II da CAPES terá uma coordenação integralmente composta por três mulheres.

Ana Cristina Simões e Silva
Professora do Departamento de Pediatria - FM-UFMG

Como Será?

Reflexões sobre as vivências na Pediatria

Não, você não se lembrará de mim. Mas eu te segurei, quando era apenas um corpinho frágil e rosado, tão pequeno, que cabia inteiro nos meus braços. Vivia apenas de olhos fechados e soltando bocejos, como se estivesse numa preguiça eterna. Você tinha apenas um punhado de cabelos ralos na cabeça, que ainda deixava ver a pulsação através da fontanela. Eu falava contigo numa voz manhosa, e você, despreocupado, me respondia apenas com uma expressão de mais pura serenidade — daquelas que só temos quando começamos nessa vida e quando nos despedimos dela.

Você não se lembrará de mim, mas quando te segurava nos braços, via o teu futuro diante dos meus olhos. Imaginava como estariam felizes os seus avós e o seu irmão quando te conhecessem pela primeira vez. Imaginava as noites mal dormidas, sua primeira febre e os primeiros grandes sustos que iria causar nos seus pais. Como seriam sua alimentação, sua vacinação, seu crescimento e desenvolvimento? Será que ainda passaria por alguma cirurgia ou internação? Afinal, teria alguma doença que passou despercebida ou que ainda viria a acontecer?

Mas também pensava em outras coisas. Como será na escola? Será um bom aluno? De que matérias irá gostar? Como serão seus amigos? Serão pessoas com quem contar? Sofrerá bullying algum dia? Será que você conhecerá o amor? Será eamado pelos seus pais, pelos seus irmãos, pelo seu próximo? Um dia, irá encontrar alguém com quem dividir o coração e a vida? Terá filhos? Que profissão irá seguir? Será feliz nela? Como será sua adultez? E a sua velhice?

Lembro claramente de outros tantos que já passaram pelos meus braços como você. Vi muitas coisas injustas acontecerem. Vi crianças que não conheciam o amor de um pai ou de uma mãe. Famílias desestruturadas, perdidas. Mães que não sabiam o que dar de comer aos seus filhos. Vi crianças que foram violentadas das mais diversas formas. Vi o bullying, os vícios e o preconceito minarem o sorriso de adolescentes. Vi crianças doentes com um prognóstico tão reservado, que deixaram até os médicos mais experientes sem palavras.

Eu vi pessoinhas que mal tinham aprendido a falar tendo que encarar uma realidade dura, cruel. Imaginava quão sombrio estava sendo o seu presente, e como ainda é mais nebuloso o seu futuro.

Mas aí está você. Tem apenas uma semana de vida, e você é o mundo todo, e o mundo todo é você. Você não sabe, porém enquanto te seguro nos braços, torço para que você seja amado; que possa ser plenamente criança; que possa crescer bem; que possa ver coisas lindas e também ser beleza neste mundo. Em suma, eu desejo apenas que você seja feliz, e como queria que todas as crianças do mundo pudessem realizar esse sonho.

Contudo, você também não se lembrará disso. Você ainda irá passar por muitos pediatras e especialistas ao longo de sua vida, e eu irei me tornar como eles daqui há algum tempo. Iremos envelhecer, e quando você ficar adulto, já estarei velho e terei passado por essa vida. E um dia, sentado na varanda, eu me lembrarei de você:

“Afinal, que fim ele levou?”. Guardo essas coisas, meditando-as em meu coração.

Carlos Tigre - Turma 163

ATÉ QUE ENFIM A REFORMA DO DA!!

O espaço físico do DAAB é um ambiente de convivência e descanso para os estudantes da FM. É lá que ocorre a maior parte dos eventos e atividades promovidas pela gestão do diretório e por outras instituições, como treinos esportivos, ensaios da Psicose, além de outras festas e eventos culturais. Logo, um espaço funcional, bem estruturado e aberto a todos os estudantes é um grande motor para a participação, o envolvimento e o pertencimento dos graduandos no ambiente e na vida acadêmica.

Diante desse cenário, são preocupantes os problemas estruturais do espaço físico do DAAB, processo que vem ocorrendo há muitos e muitos anos e se agravou com a pandemia em razão da redução de uso e manutenção do ambiente, o que levou a inúmeras infiltrações e outros problemas de infraestrutura.

Desde 2019, a gestão do diretório tenta uma reforma com a diretoria da FM. Todavia, o processo só se concretizou no fim de 2025, após a arrecadação de fundos para a reforma a partir de festas e venda de produtos para os estudantes. Ademais, a diretoria da FM — Alamanda e Cristina Alvim — cobriu parte dos custos do projeto, de modo que parte do investimento veio do caixa do DAAB e parte veio da própria FM.

Houve o fim da obra em julho de 2026, com continuidade da revitalização do espaço. Com o tempo, a gestão comprará novos puffs, sofás e outros móveis para o ambiente.

Esse processo foi extremamente vital para o DAAB, uma vez que, nos últimos anos, houve um esvaziamento e uma redução da participação dos discentes nas atividades não acadêmicas, mas ligadas ao meio acadêmico, como lazer e movimento estudantil. Com a reforma, esperamos que esse cenário mude e que o DAAB possa voltar a ser o que era há 10 anos atrás.

Juliana Azevêdo - turma 167

A Ruinante - Vitoria Chrissie

VOCÊ SABIA?

Cortes no orçamento da ciência em 2026 - Professora da UFMG Jordana Coelho dos Reis analisa impactos

Pesquisadora aponta efeitos para as políticas públicas e para fonte de renda de bolsistas de graduação e pós-graduação

Nesta quarta-feira, 7 de janeiro de 2026, a professora do Departamento de Microbiologia do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG Jordana Coelho dos Reis conversou com o jornalista e apresentador Hugo Rafael, no programa Conexões.

O orçamento das universidades federais brasileiras terá um corte de 488 milhões de reais neste ano de 2026. A redução representa 7,05% dos recursos totais das instituições em relação à previsão inicial da verba discricionária das instituições. A informação foi divulgada pela ANDIFES, Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, após uma análise rigorosa do PLOA, Projeto de Lei Orçamentária Anual, de 2026, aprovado no fim do ano passado, pelo Congresso Nacional. Segundo a ANDIFES, o corte atinge, sobretudo, a assistência estudantil, campo em que a redução do orçamento fica próxima dos 100 milhões de reais.

A entidade alerta que os cortes aprovados agravam um quadro já crítico e que, caso não haja recomposição, o orçamento das Universidades Federais em 2026 ficará nominalmente inferior ao orçamento executado em 2025, impondo entraves à continuidade do desenvolvimento científico e, portanto, à soberania nacional . Outra entidade que se manifestou foi a ANPG, Associação Nacional de Pós-Graduandos: em nota, a associação manifestou profunda preocupação com o quadro e repudiou os cortes que atingem, além das universidades, também a Capes, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, e o CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

A professora do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG Jordana Coelho dos Reis destacou os graves impactos. Em sua análise, pesquisas serão afetadas, dificultando novas descobertas, como vacinas e medicamentos. Além disso, a construção de políticas públicas sofrerá efeitos e a própria fonte de renda de bolsistas da graduação e pós-graduação, que realizam um trabalho fundamental nos laboratórios e enfrentarão dificuldades financeiras.

Fonte: Cortes no orçamento da ciência em 2026: Professora da UFMG Jordana Coelho dos Reis analisa impactos – Universidade Federal de Minas Gerais

ENSINO MÉDICO E O ENAMED

ANTES DE 2025, OS ESTUDANTES DE MEDICINA NO BRASIL REALIZAVAM DOIS EXAMES DISTINTOS E SEM CONEXÃO ENTRE SI. O ENADE (EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES), APLICADO PELO INEP DESDE 2004, AVALIAVA A QUALIDADE DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DO PAÍS SEM INTERFERIR NA CANDIDATURA DO ESTUDANTE À RESIDÊNCIA MÉDICA. JÁ O ENARE (EXAME NACIONAL DE RESIDÊNCIA) FOI CRIADO EM 2019 PELA EBSERH (ATUAL HU BRASIL) EM PARCERIA COM O MEC E APLICADO PELA PRIMEIRA VEZ EM 2020, COM A PROPOSTA DE UNIFICAR EM UM ÚNICO PROCESSO SELETIVO O ACESSO ÀS VAGAS DE RESIDÊNCIA MÉDICA, QUE ATÉ ENTÃO ERAM DISPUTADAS POR PROVAS ISOLADAS DE CADA INSTITUIÇÃO. POPULARMENTE CONHECIDO PELOS ESTUDANTES COMO “ENEM DA RESIDÊNCIA MÉDICA”, PELA SEMELHANÇA COM O EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO, O ENARE CRESCEU E SE TORNOU A PRINCIPAL FORMA DE INGRESSO NA RESIDÊNCIA MÉDICA.

O ENADE E O ENARE, DURANTE ANOS, PERMANECERAM COMO EXAMES ISOLADOS: UM MEDIA A QUALIDADE DA FORMAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL, ENQUANTO O OUTRO SELECIONAVA QUEM ENTRARIA NA RESIDÊNCIA. MAS EM ABRIL DE 2025, O MEC LANÇOU O ENAMED (EXAME NACIONAL DE AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO MÉDICA), FUNDINDO OS DOIS EXAMES EM UMA ÚNICA PROVA

COM A CHEGADA DO ENAMED, A ESTRUTURA DO EXAME PASSOU POR UMA REFORMULAÇÃO SIGNIFICATIVA. O ANTIGO FORMATO DO ENADE FOI AMPLIADO PARA 100 QUESTÕES OBJETIVAS E CINCO HORAS DE DURAÇÃO. O ENARE, POR SUA VEZ, NÃO DEIXOU DE EXISTIR: CONTINUA SENDO O PROCESSO SELETIVO CLASSIFICATÓRIO ORGANIZADO EM PARCERIA COM A HU BRASIL, MAS AGORA INCORPORANDO A NOTA OBTIDA NO ENAMED PARA O ACESSO AOS PROGRAMAS DE RESIDÊNCIA MÉDICA SEM PRÉ-REQUISITO.

MAIS RECENTEMENTE, UMA MEDIDA PROVISÓRIA ASSINADA EM 2026 (MP Nº 1.370/2026) PROPÔS IR ALÉM, TORNANDO O ENAMED OBRIGATÓRIO TAMBÉM PARA O REGISTRO NOS CONSELHOS REGIONAIS DE MEDICINA (CRM) E PREVENDO SUA APLICAÇÃO SEMESTRAL, EM DOIS MOMENTOS DA GRADUAÇÃO: AO FINAL DO QUARTO ANO, COM CARÁTER DIAGNÓSTICO E FORMATIVO, E AO FINAL DO CURSO, COM CARÁTER AVALIATIVO PARA A GRADUAÇÃO E CLASSIFICATÓRIO PARA A RESIDÊNCIA.

PARA QUEM JÁ ESTÁ MAIS PRÓXIMO DA FORMATURA, A NOVIDADE DO ENAMED COMO EXAME DE PROFICIÊNCIA GERA APREENSÕES. OUTRAS MUDANÇAS TAMBÉM FORAM REGISTRADAS: PARA MANTER O PERFIL AVALIATIVO, ESTUDANTES DO 4º ANO DO CURSO DE MEDICINA FORAM INSCRITOS POR SUAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO PARA REALIZAR A PROVA, E SEUS RESULTADOS SERÃO AVALIADOS PELAS UNIVERSIDADES A LONGO PRAZO. POR UM LADO, O OBJETIVO DO INEP É AVALIAR O CRESCIMENTO DO ESTUDANTE DURANTE OS DOIS ANOS FINAIS DO CURSO E A MELHORIA DA SUA PROFICIÊNCIA NAS CINCO GRANDES ÁREAS AVALIADAS — CLÍNICA MÉDICA, PEDIATRIA, CIRURGIA GERAL, GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA E MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE. POR OUTRO LADO, OBSERVOU-SE GRANDE PREOCUPAÇÃO DOS ESTUDANTES DEVIDO À FALTA DE INFORMAÇÕES DIVULGADAS.

DE INÍCIO, NÃO FICOU CLARO SE A NOTA OBTIDA PELOS ESTUDANTES SERIA PURAMENTE AVALIATIVA PARA A PRÓPRIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO OU SE SERIA CONTABILIZADA EM SUA FUTURA NOTA PARA INGRESSO EM PROGRAMAS DE RESIDÊNCIA MÉDICA. O PERÍODO DE INSTABILIDADE ATÉ A DIVULGAÇÃO DE QUE A PROVA SERIA APENAS PARA AVALIAÇÃO INTERNA DA UNIVERSIDADE GEROU INSEGURANÇA ENTRE OS ESTUDANTES, COMO RELATA UMA ALUNA DO 4º ANO DE MEDICINA DA UFMG. DURANTE MESES, SEM SABER SE PRECISARIA INVESTIR EM CURSOS PREPARATÓRIOS, ELA DIVIDIU O TEMPO ENTRE AS DISCIPLINAS DA GRADUAÇÃO E A RESOLUÇÃO DE PROVAS ANTERIORES. SEGUNDO ELA, ISSO "ACABOU COMPROMETENDO O RENDIMENTO" ACADÊMICO. TAMBÉM PESAVA A DÚVIDA SOBRE SE UM EXAME DO QUARTO ANO TERIA IMPACTO EM UMA SELEÇÃO QUE ELA "ESPERAVA PRECISAR FAZER APENAS DOIS ANOS DEPOIS".

O PROBLEMA NÃO PARECE SER O EXAME EM SI, NEM MESMO A INTENÇÃO DE ACOMPANHAR A EVOLUÇÃO DO ESTUDANTE AO LONGO DO CURSO — ALGO COM SENTIDO PEDAGÓGICO E QUE PODE AJUDAR AS PRÓPRIAS FACULDADES A IDENTIFICAR LACUNAS DE ENSINO ANTES DA FORMA-

ENSINO MÉDICO E O ENAMED

TURA. O PROBLEMA É A FORMA COMO A MUDANÇA CHEGOU ATÉ QUEM SERIA DIRETAMENTE AFETADO POR ELA: RUMORES, EDITAIS RETIFICADOS ÀS PRESSAS E COMUNICADOS QUE DEMORARAM A ESCLARECER O ESSENCIAL PARA O ESTUDANTE. EM UM EXAME QUE JÁ NASCE COM CONSEQUÊNCIAS INSTITUCIONAIS GRAVES E QUE, PARA OS ALUNOS, SE ASSOCIA DIRETAMENTE AO ACESSO À RESIDÊNCIA, A COMUNICAÇÃO CLARA DEVERIA SER TRATADA COMO PARTE DO DESENHO DA PROVA, E NÃO COMO UM AJUSTE DE ÚLTIMA HORA. SE O ENAMED, COMO TUDO INDICA, VEIO PARA FICAR COMO A PRINCIPAL FORMA DE ACESSAR A ESPECIALIZAÇÃO POR MEIO DA RESIDÊNCIA MÉDICA, CABE AO INEP E ÀS PRÓPRIAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO APRENDER COM ESSES PRIMEIROS ANOS TURBULENTOS. AVALIAR A FORMAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA É UMA TAREFA NECESSÁRIA; FAZÊ-LO ÀS CUSTAS DA ANSIEDADE DE MILHARES DE ESTUDANTES QUE NÃO SABEM, ATÉ A VÉSPERA DA PROVA, O QUE ESTÁ REALMENTE EM JOGO É UM PREÇO QUE NÃO DEVERIA SER COBRADO.

JULIANA ARAÚJO - TURMA 165

O Rito

Enquanto o sol se põe, as luzes do bairro se acendem, uma a uma. Marjorie aprecia o espetáculo da janela de seu quarto, como costumava fazer todas as tardes. O alaranjado esculpe camadas finas de tecido sobre a apatia dos prédios, e o cinza cotidiano se dissolve perante a majestade celeste. A Lua ganha o seu lugar no céu, e os olhos de Marjorie, cansados, contemplam a vida: a noite é mesmo uma criança.

Duas batidas leves na porta anunciam a hora do jantar. Misericórdia! É assustador o Tempo que passou. Marjorie alcança a sua bengala com dificuldade. Tanta que talvez fosse mais fácil se levantar

sozinha.

Suspira, encara o chão de taco e ergue a cabeça outra vez no cômodo parcialmente escuro. Poderia estar perdida ali, mas já se acostumou à sombra macia daquele lugar. Uma acolhe a melancolia da outra, como um pacto silencioso a cada anoitecer. A mão enrugada toca o interruptor, mas hesita. Não acende a luz.. Resolve que caminhar no escuro é melhor, mesmo. É só ir devagar.

Ô, mãe, me desculpa, acordei a senhora? A voz do rapaz atravessa as paredes.
A mulher chega à cozinha e o observa terminar de pôr a mesa e puxar a cadeira mais próxima dela, um convite para que se assente.

Hoje fiz franguinho que a senhora gosta; pro seu aniversário.

Ela leva a comida à boca. Mastiga o frango e o quiabo. Quantos anos? Não recorda a própria idade. A morte do marido desatou os nós dos anos que se sucederam, e, agora, a vida é retalhos. O vazio no corredor, a sombra no quarto, o eco da bengala no taco. Os olhos inundados.

O Rito

Tá muito quente, mãe?

Ela acena com a cabeça e se esconde por trás de

A senhora tem que assoprar um pouquinho, o olho até encheu d'água, ó.

Depois do jantar, Marjorie volta para o quarto. Alcança o interruptor (clic) e decide dormir com a luz acesa. Escuta o filho do lado de fora.

Dorme com Deus, qualquer coisa a senhora chama. O rapaz encosta a porta antes de ir.

Ela atravessa a cabeça pela janela. Admira o céu noturno e não percebe quando se lança naquele rio profundo que é a lembrança. Mergulha no João, nas suas mãos, no seu toque; na sua boca, nas suas palavras tão doces; no seu beijo; na sua pressa; nada naquelas águas turvas até estar longe, longe, perto dele;

O barulho de uma moto a resgata do afogamento. O motoqueiro desaparece na curva da esquina, e Marjorie retoma um choro muito antigo. A Lua se compadecia dela todas as noites e a convencia de que algo neste sofrimento não é solitário. Ela também enluta uma parte de si ao amanhecer. Com a ponta dos dedos, a mulher enxuga as lágrimas. Sorri.

Arrasta os pés, desiste (clic) da luz e caminha na escuridão até a cama. Assenta; deita; fecha os olhos. Respeita o espaço do seu grande amor como um santuário. E, sem dizer uma palavra, reza a mesma prece de ontem.

Davi Fernando
Turma 165

+ MANEIRAS DE OLHAR

Poema pandêmico

o que toma a paisagem da forma que o amor
toma o corpo?
(temo que
apenas outros saibam)
o mistério dos inícios
requer um tipo específico
de atenção
e perdi
a maneira de olhar

Esta cidade sem rostos
atingiu o máximo
de dureza possível
e suas janelas iluminadas
e as sombras acanhadas
nas varandas colocam,
no centro dos sonhos,
rostos disformes

Será que, como o corpo,
definham de tristeza
os corredores ou se
sentem à vontade
para amplificar a
vivacidade do
silêncio
que passos e carícias humanas
insistiam em
ofuscar

Stephanny Lima - turma 159

TESTE SEUS CONHECIMENTOS: MATEMÁTICA

No desafio de hoje, você deve encontrar o valor de X! Vamos te falar as operações que você tem que fazer e, no fim, você nos conta o resultado. É claro que temos uma dica para você: o valor de X é um número de um partido muito comentado de hoje em dia!

Operação I) Primeiro, vamos ter que abrir as notícias recentes do caso Master. Vamos partir do fato que Flávio Bolsonaro emitiu 2 notas fiscais para empresa que recebeu repasses do Banco Master, cada uma de R$500.000,00. Quanto deu no total?

Operação II) Certo! Agora vamos relembrar que esse partido elegeu 1 presidente em 2018, reconhecido internacionalmente por sua postura negligente com a saúde, discursos de ódio e ataques à estrutura democrática (e também o primeiro presidente a não ser reeleito desde a redemocratização). Vamos somar isso com 99 parlamentares eleitos em 2022, os quais marcam posicionamentos centrados na discriminação com diferentes estruturas familiares, na continuação da escala 6x1, na manipulação do povo com supostos preceitos religiosos, nas privatizações, na expansão do agronegócio predatório e na anistia para golpistas.

Operação III) Começa fácil! Divide a operação I pela II. Depois, você vai dividir de novo, agora pelos 10 anos que Carla Zambelli, ex-deputada federal desse partido, foi condenada por invasão de sistemas e pela adulteração de documentos. Essa operação não acabou! Porque você vai ter que dividir o resultado pelos 5 anos que a bolsonarista foi condenada

por sacar uma arma e apontar para um homem, constrangendo e amedrontando-o, nas vésperas da eleição.

Operação IV) Começou fácil! Divida a operação I pela II. Depois, você vai dividir de novo, agora pelos 10 anos a que Carla Zambelli, ex-deputada federal desse partido, foi condenada por invasão de sistemas e pela adulteração de documentos. Essa operação não acabou! Porque você vai ter que dividir o resultado pelos 5 anos a que a bolsonarista foi condenada por sacar uma arma e apontar para um homem, constrangendo-o e amedrontando-o, às vésperas da eleição.

Operação V) Não vamos focar em todos os 1.430 presos em 2023 pela tentativa de golpe, pois usaremos apenas os 243 que foram presos logo no dia 8 de janeiro, influenciados pelos ideais e discursos extremistas desse partido, colocando em risco toda a democracia pela qual milhares morreram durante a Ditadura para reconquistar. Desses 243, vamos subtrair o resultado da operação III.

Operação VI) Essa é fácil! Vamos somar o resultado anterior a 1 "chupetinha" que, muito infelizmente, é famoso em MG. Com atitudes transfóbicas e outros posicionamentos LGBTfóbicos, críticas ao isolamento social que garantia segurança sanitária durante a pandemia e incitação às fake news e à desinformação sobre as urnas e questões econômicas, um sonho para 2026 é o "chupetinha" fora da política mineira.

Operação VII) Para finalizar, vamos pegar o resultado anterior e dividir pela quantidade de letras que a abreviação do partido tem. Vou te dar mais algumas dicas sobre o partido: posicionam-se contra o PL da Misoginia com a desculpa de que seria restrição da liberdade de expressão (pois é, para eles, misoginia é só mais uma opinião), tentaram acabar com o casamento homoafetivo e também estão prontos para defender a emenda do racismo. A essa altura, espero que você já saiba que são duas letrinhas...
PARABÉNS! Você é muito inteligente e deve ter descoberto que o X vale 22, partido do ódio, partido sem propósito!

À ninguém

O tempo cruel carrega paixões
Que nunca mais serão lembradas
Do brado surdo jorram juras
Amanhã esquecidas e apagadas

Os violões choram harmonias
Que não resolvem em nenhum lugar
As flautas, por sua vez,
Assoviam melodias sem findar

A senhora de olhar sereno
Tem bons modos e voz amiga
Mas por trás daqueles olhos calmos
Se esconde uma inquietação antiga

O grosso sangue que pinta as ruas
Já se esqueceu porque foi derramado
O homem que há pouco gritava
Enganou-se, mantém-se agora calado

O poeta, em seu egoísmo,
Só escreve aquilo que lhe convém
Orgulhosa, a tinta molha o papel
Com palavras remetidas a ninguém

Rafael Lopes - Turma 161

SÁBADO À NOITE

Sábado à noite, 08 de março de 2025

É sábado à noite. Meu último sábado de liberdade antes do 3° semestre começar. A rua está completamente silenciosa. Fui assistir "Anora" com a Bia. Qual o sentido desse filme ter vencido de "Ainda Estou Aqui"? Talvez as pessoas deveriam repensar antes de colocar um bando de homem branco e velho para escolher os melhores filmes a serem votados. Talvez o mundo devesse parar de ser comandado por um monte de homem branco e velho. Enfim, eu não queria entrar em um discurso feminista no meio de um texto que não era para ser feminista, mas acho que não consigo me conter.

Faz um bom tempo que não escrevo. Meses, eu diria. Muita coisa aconteceu. Na verdade, quase nada aconteceu. Mais do mesmo. Mudei de terapeuta. Fui para psicanálise. Espero que você não tenha revirado os olhos nesse ponto do texto. Eu sei que muitas pessoas têm preconceito com psicanálise, mas estou gostando bastante da experiência, menos da parte de pagar, e honestamente uma sessão deveria ser 1h e não 40 min.

Sabe, antigamente eu tinha muita dificuldade em ficar sozinha em casa durante o sábado à noite. Porém, eu me recuso a trocar minha amada companhia por um evento qualquer, um rapaz vadio ou um bar sem graça com cerveja quente. Por isso, me encontro aqui, escrevendo. Senti falta de escrever. Honestamente, quero voltar a falar sobre a minha família. Ela é tão fascinante.

Acredito que daria uma boa série ou filme. Tudo que consigo ver quando olho para eles é poesia. Isso não significa que meus parentes sejam santos ou perfeitos, só significa que existe arte até em seus piores defeitos. É difícil explicar o conceito para quem viveu fora da casa de dona Ero, mas um dia tentarei. Queria escrever sobre Rita, Dinda, minha mãe, Bernardo. Talvez não o Bernardo. Não o acho interessante o suficiente para isso. Vamos ser francos... as mulheres da minha família são extremamente interessantes. Os homens, nem tanto, com exceção de tio Roberto e papai. Já fiz um texto para tio Roberto? Bom, eu deveria. O segurança de "Anora" lembrou-me dele em tantos detalhes. Sinto muito sua falta. E meu pai, não preciso nem falar... não há um dia nessa miserável terra em que não penso nele.

Se você está lendo esse texto às 21h de um sábado a noite, sem muitos planos, como a pobre escritora que vos fala, sinto muito. Espero que tenha algo interessante passando na televisão. Enfim, boa noite.

Julia Tolentino - turma 167

"Lá Fora"

Em entrevista ao Cerrado MPB, Ste fala sobre "Lá Fora", seu primeiro lançamento solo, e reflete sobre os caminhos que moldam sua arte.

Stephanny Lima, com nome artístico de Ste A Viva, é artista paraense radicada em Belo Horizonte. Parte da banda Godofredo, abre as portas em seu lançamento slo em um universo particular, entre poesia, cinema, memória e a experimentação sonora. Ste é médica pela UFMG pela turma 159.

"Lá Fora" é uma musica composta por atmosféras oníricas, imagens cinematofráficas e uma melancolia natural. Um trabalho que fala sobre não pertencimento, saudade, sonhos e a tentativa de transformar sensações difíceis de explicar em música.

"'Ste A Viva' surgiu de uma conclusão pessoal que estar viva e presente é o que tenho de melhor para oferecer ao mundo"

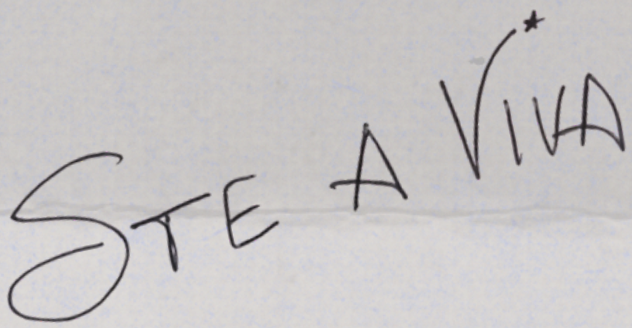
A relação entre medicina e arte aparece de diferentes formas no trabalo de Ste. [...] O trabalho ajuda a apresentar outra faceta de sua produção e da maneira como ela conecta esses dois universos.

"Temos cada vez menos tempo para aproveitar a nossa vida, tendo que lidar com uma carga horária de trabalho alta. Então, meu nome artístico é, para mim, um posicionamento ético também sobre como eu gostaria de aproveitar a minha passagem por aqui".

Para Ste, a criação musica quase nunca começa pelas palavras, e suas referências vão muito além da música. Na atuação como médica, vê uma relação direta entre essas duas experiências.

"Mas, diante do que pode ser feito, é um privilégio participar de momentos em que o nosso trabalho é, muitas vezes, diminuir o peso desse desamparo que é estar vivo. Além disso, hoje enxergo a própria semiologia médica como um regime de linguagem e tradução do fato humano. No fim do dia, é tudo sobre essa mesma força motriz: a tentativa de traduzir o mundo."

Fonte: trecho retirado de entrevista de Ste A Viva ao Cerrado MPB no Instagram.



Para mais informações sobre o trabalho da artista:

Casa (s.f.): lugar que nos pertence e ao qual nós pertencemos; onde não precisamos esconder quem realmente somos.

Estar longe da família e das pessoas que você mais ama é algo que dói na alma, mas, durante esses anos, o Conclave vem sendo casa. Aqui, eu encontrei os meus melhores amigos, cresci e aprendi a ser um homem melhor. Desenvolvi habilidades que eu não imaginaria que teria, conheci pessoas influentes, conversei com marcas gigantescas e o mais importante: descobri o verdadeiro valor do esporte universitário. Ganhar a CIA com esse grupo foi um dos melhores dias da minha vida porque sei o quanto a gente batalhou pra isso.

Para conseguirmos chegar até aqui, foram incontáveis projetos, dias sem dormir, momentos de frustração, finais de semana sem descanso e reuniões intermináveis, mas eu sempre olhava pro lado e via as pessoas ao meu lado com um sorriso gigantesco no rosto, orgulhosos do que estávamos construindo.

Sem incentivo institucional, com poucas pessoas na gestão e com incontáveis desafios estruturais, nós conquistamos esse título com as nossas próprias pernas. Nós, estudantes de Medicina da UFMG, ganhamos a MAIOR COMPETIÇÃO UNIVERSITÁRIA DO BRASIL.

Queria agradecer aos meus CGs por confiarem a mim a posição de dirigente, vocês não tem ideia do quão nervoso eu estava por dentro nos momentos de tensão, espero ter entregado o que vocês esperavam de mim. Me alegra saber que esse é só o começo de uma história que será gigantesca e que tenho pessoas tão boas ao meu lado.

Eu te amo, Conclave Médico Desportivo.

Luis Guilherme - turma 167

SHOW MEDICINA

Fundado em 1954 por estudantes da faculdade, o Show Medicina é atualmente o grupo teatral acadêmico amador mais longevo do Brasil. Ao reunir teatro, música, pintura, iluminação, figurino, cenografia e inúmeras atividades de bastidores, sempre produzidas pelos alunos de Medicina, o grupo converge o desejo de criar arte, aprender e fortalecer os laços da comunidade acadêmica e médica. Entre seus fundadores estão Ângelo Machado, professor e autor do livro de Neuroanatomia utilizado como referência por gerações de estudantes até hoje, e Jota Dângelo, renomado dramaturgo e professor de Anatomia na Faculdade de Medicina até 1985. Ao longo de mais de sete décadas, o Show Medicina atravessou diferentes momentos da história da universidade, interrompeu suas atividades durante a ditadura militar e foi retomado em 1986 pelos próprios estudantes. Desde então, mantém viva a tradição de produzir espetáculos anuais, apresentações institucionais, recepções de calouros, eventos comemorativos e diversas outras iniciativas culturais, incluindo os espetáculos comemorativos, em que reúne os egressos do curso que participaram de outras épocas do Show, os Oscarveirados, demonstrando a grande comunidade por trás do espetáculo.

Mais do que subir aos palcos, fazer parte do Show Medicina é construir amizades, desenvolver a criatividade e descobrir novos talentos. Somos um grupo formado por estudantes de diferentes perfis, unidos pela vontade de criar, aprender e compartilhar experiências. Não é preciso ter experiência prévia com teatro, música, pintura ou qualquer outra linguagem artística para participar. O Show também é um espaço de aprendizado, onde cada integrante encontra oportunidades para experimentar, crescer, descobrir a si mesmo e contribuir com aquilo que tem de melhor.

As inscrições para novos membros acontecem anualmente, e nossas atividades são divulgadas pelo Instagram @showmedicinaufmg. Também é possível conhecer um pouco da nossa história e dos espetáculos mais recentes em nosso canal no YouTube Show Medicina GRUTAA.

O Show Medicina é muito mais do que um grupo de teatro: é uma família que se tornou uma das tradições culturais mais marcantes da Faculdade de Medicina da UFMG e de Belo Horizonte. Venha fazer parte dessa história. Venha ser Show Medicina!

MENSAGEM FINAL DA EDITORA

Esperamos que esta edição do pH=7 tenha sido não apenas um retorno às origens, mas o início de uma nova era de reações para a Faculdade de Medicina. Acreditamos que há muitos Guimarães Rosa, Alzira Reis, Dora Barcellos e Juscelino Kubitschek entre nós, prontos para agitar o meio.

Você que é aluno ou ex-aluno, tem duas formas de fortalecer o pH=7

- **Para Conteúdo: Envie sua contribuição (textos, artigos, ideias, fotografias). Lançaremos formulário eletrônico semestralmente.**
- **Para Apoio Financeiro: Ajude a financiar as edições físicas do jornal fazendo um PIX para a chave CNPJ: 04.541.893/0001-33 (DAAB).**

Sua participação é essencial para a nossa voz estudantil!

O que pode no Conteúdo?

Pode charge? Pode! Pode fotografia? Pode. Pode conto, crônica ou poema? Pode, pode e pode.

Pode criticar um governo, político ou instituição? Pode, desde que não seja anônimo.

Agora, o que NÃO PODE? CLARAMENTE NÃO ACEITAMOS QUALQUER FORMA DE PRECONCEITO, incluindo racismo, homofobia, transfobia ou qualquer outra discriminação contra minorias sociais. Somos totalmente contra e não há reação química que neutralize a ESTUPIDEZ.

Todos podem solicitar **anonimato** em seus envios. Não garantimos a publicação de tudo, mas faremos o possível para processar e publicar todo o conteúdo que for relevante para ferver o debate.

De resto, só não pode ser neutro. O pH ideal para a mudança nunca foi 7.

JORNAL pH=7 - 1° Edição de 2026

Elaboração pH=7
- Enio Pietra (fez isso tudo acontecer!!!)
- Julia Tolentino Costa
- Júlia Fernandes do Carmo Las Casas
- Vinícius Araújo Basílio

Designer, Diagramação e Edição pH=7
- Ana Carolina Ferreira Vianet Ribeiro
- Eloísa Belém Guerra
- Julia Tolentino Costa
- Júlia Fernandes do Carmo Las Casas

Coordenação Geral
- Letícia Maria Ferreira de Souza
- Juliana de Almeida Martins Azevêdo

Secretaria
- Carlos Lorran Dias Pereira
- Matheus Tibúrcio de Matos Simões

Cultural
- Marina Leste Dardot
- Maria Luísa Moura Rodrigues
- Milena Alves Gomes da Silva

RDOC
- Ícaro Peixoto Araújo
- Pedro Costa Rodrigues da Cunha

Infraestrutura
- Gabriel Henrique Kobayashi Correa
- Luís Guilherme de Souza

Eventos:
- Jean Nunes da Silva
- Eduardo Augusto Sartori dos Santos

Movimento Estudantil
- Isabel Cristina Carneiro Batista de Melo
- Eric Matheus Faria Martins
- João Gabriel Pereira Campos

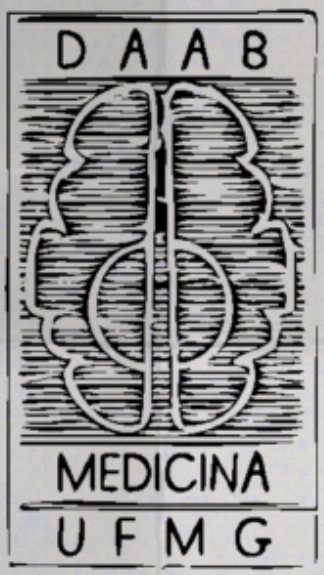
Ensino médico
- Vítor Eduardo de Sousa Vales

Comunicação
- Vitor Gabriel Soares Araújo
- Eloísa Belém Guerra
- Lívia Vilela Gonçalves

Produtos
- Ana Carolina Ferreira Vianet Ribeiro
- Luigi de Souza Dias Ferraro

CLEV
- João Vítor Bertho Boaventura Serejo
- Laís Lauand Haddad

O Jornal pH = 7 é uma publicação semestral realizada pelo Diretório Acadêmico Alfredo Balena (DAAB-UFMG), instituição com CNPJ próprio, sem vínculo legal com a Faculdade de Medicina da UFMG. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores não refletindo, necessariamente, a opinião do jornal. Para reproduzir conteúdos deste jornal, é necessário obter autorização da Gestão DAAB - UFMG em curso.


D A A B
MEDICINA
U F M G